

EM SARMIENTO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTONIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Fimalção
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

A' MARGEM RESSURREIÇÃO A' MARGEM

COMEÇOU UM NOVO CICLO de propaganda intensa dos princípios saídos da Revolução Nacional. Salazar falou. Depois duma obra realizada patente, duma propaganda de doutrina, que são todos os discursos de Salazar, pareceria desnecessária a propaganda. Porque fazê-la de novo? Muitas são as razões que nos levaram a um estado de cousas como a hora que passamos.

Mas a mais importante, e por isso mesmo a mais grave, foi a de deixar assumir lugares de comando àquelles que se infiltravam nas nossas fileiras e para nós vieram de má-fé.

Estes — porque nos esquecemos de que o passado é a garantia do presente — para nós vieram com o único intuito de nos dividir. E a obra vê-se.

HÁ UMA FALTA DE MENTALIDADE ainda nas nossas fileiras. Uns por ignorância ou incompreensão mal sabendo que estão a servir a obra desagregadora dos adesivos, e é para estes que deve ser feita a propaganda, educando-os; os outros, como disse o comandante Gabriel Teixeira, servem-se não servem: a própria palavra de Deus é letra morta.

«Para estes o remédio é a irradiação por indignidade. Rarearão as nossas fileiras, mas ficaremos mais fortes: na luta só os verdadeiros soldados contam; marcenários ou egoístas são valores negativos num exército.

Não são nacionalistas aquêles que não são só nas palavras, não nos actos.

Para se ser nacionalista é necessário pautar rigorosamente as acções pelos princípios.

«E QUANTO MAIS ALTO O POSTO maior a necessidade de pautar as acções pela doutrina.» Esta doutrina tem de ser cumprida e por ela se vê onde estão os verdadeiros nacionalistas. Aquêles que nos acusam de que até atacamos os nacionalistas temos a dizer que a estes mais que a outros exigimos que se imponham pela honestidade, pela verdade, para serem dignos da doutrina que dizem seguir. Não nos interessa a imoralidade dos nossos inimigos, ou melhor, interessa-nos para a compararmos com a nossa moral; agora aos que se dizem nacionalistas exigimos que sigam os altos interesses da Nação. E quanto maior o posto ocupado mais exigimos que sejam coerentes nos seus actos e na doutrina que representam.

VESTE-SE de galas todo o mundo cristão, repicam festivamente os sinos, ressoam nos templos hinos de júbilo e louvor e as almas inundam-se docemente duma santa e serena alegria. Parece que a maldade e a desgraça fugiram do mundo e se ocultaram, reinando agora nêle a virtude e a felicidade.

Comemora-se a Páscoa da Ressurreição, o facto mais assombroso e mais significativo da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, e os cristãos, seus discípulos, lembrados de que foi esse facto culminante que lhes abriu as portas do céu e lhes permite realizar o seu verdadeiro destino, associam-se à Igreja entoando hinos de louvor ao vencedor da morte, ao Redentor do género humano.

A alegria que nestes dias se respira é toda espiritual na sua origem e provém precisamente do facto do homem ter entrado em

(Continua na 3.ª página)



APROVEITANDO-SE DA GRAVIDADE actual, a anti-nação, a maçonaria e o revirinho encoberto das nossas fileiras, tentam dividir e queimar os nacionalistas das primeiras horas, lançando a confusão por meio da intriga e dos boatos. Assim começou uma nova campanha de democracia... como se nós já esquecêssemos e que foi o seu domínio em Portugal!

Transcrevemos algumas palavras do dr. Albino dos Reis, Presidente da C. E. da U. N.:

Sou do tempo, meus senhores, em que defender o silabus era temeridade grande e, pelo menos, era incorrer-se na ex-comunhão maior das inteligências da época, por apoucada e obscurantista. Pois há dias, em um momento de curiosidade intelectual, caíram-me sob os olhos estas proposições, condenadas pelo silabus: «O Estado, como origem e fonte de todos os direitos, goza dum direito que não é circunscrito por nenhum limite:

«O direito consiste no facto material: e todos os factos humanos têm força de direitos.»

São os princípios dos estados totalitário e democrático.

Suprimidos do mundo jurídico os princípios de ordem transcendente, os espíritos ficaram como navios sem bussola e sem estrélas, num mar semeado de baixios e batido de temporais, o naufrágio era inevitável.

Mas os grandes responsáveis do eataclismo que ameaça submergir irremediavelmente todos os inestimáveis valores morais e espirituais da Humanidade, parece não se terem ainda dado conta dos seus erros e das suas causas:

O princípio de que o Direito é a expressão da vontade da maioria e só esse existe, princípio que está na base de todas as negociações dos direitos e das liberdades dos homens e das nações, é um princípio essencialmente democrático; não fomos nós que o defendemos. Conduzindo à afirmação de que as leis são essencialmente justas, êle separa o direito da moral, suprime a diferença entre a justiça e a injustiça, e acaba por confundir o direito com a força, a justiça com o sucesso.

NÓS NÃO APOIAMOS, diz-nos ainda, nenhum destes princípios mas declaramos categoricamente que aquêles são culpa destes, que se querem manter no erro. Somos contra os resultados desses erros fun-

(Continua na 4.ª página).

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

NOTICIÁRIO

Domingo de Páscoa

Evangelho (Mat., XVI, 1-7). — Maria Madalena e Maria, mãe de Iago, e Salomé prepararam aromas para irem embalsamar a Jesus. E, no primeiro dia da semana, tendo partido muito cedo, chegaram ao sepulcro ao solnado. E iam dizendo entre si: «Quem nos há-de revolver a pedra da bôca do sepulcro?» Mas, olhando, viram revolvida a pedra, que era muito grande. E, entrando no sepulcro, viram assentado da parte direita um mancebo, vestido de roupas brancas: do que ficaram muito pasmadas. Mas êle disse-lhes: «Não tendes pavor: vós buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; mas êle ressuscitou, já aqui não está: eis o lugar onde o depositaram. Mas ide: dizei a seus discípulos e a Pedro que êle vai adiante de vós esperar-vos em Galileia: lá o vereis, como êle vos disse.»

Homília. — Nestes últimos dias esteve a Igreja de luto. Hoje canta alegremente o *Aleluia!*

A ressurreição de Jesus Cristo é efectivamente uma festa solene, a mais solene de todas; é o mistério mais glorioso para o Senhor e o mais consolador para nós... *Ele entregou-se à morte por causa dos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação.*

Hoje triunfa da morte e volta à vida, mas a uma vida imortal; e é para nós um motivo de alegria e satisfação, e de esperança para a vida eterna!

Jesus tinha morrido na sexta-feira Santa pelas três horas da tarde; pouco depois José de Arimateia e Nicodemos desceram-no da cruz, embalsamaram-no e sepultaram-no. No sábado, por um luxo de precauções impias, ridículas, da parte dos príncipes dos Sacerdotes contra a sua Ressurreição que temiam, vão selar o sepulcro e põem guardas no túmulo de um Deus! Testemunho singularmente precioso, êste, que êles dão sem querer da morte e sepultura de Jesus e da impossibilidade do roubo do corpo. Quanto mais acatelas melhor serviço prestam aos crentes.

Mas antes da aurora de Domingo, que era o terceiro dia depois da sua morte, a alma de Jesus, por um poder divino, que lhe era próprio, vem

do limbo reunir-se de novo ao seu corpo, comunicando-lhe as qualidades dos corpos ressuscitados... e Jesus sai do túmulo glorioso e imortal, sem quebrar os selos nem a pedra, do mesmo modo e com o mesmo corpo com que tinha saído do seio casto da Virgem Maria.

Produziu-se então um grande tremor de terra; o Anjo do Senhor, brilhante como um astro desceu de céu, revolveu a pedra e sentou-se em cima dela. Ao verem-no, os guardas cheios de terror caíram por terra como mortos... depois levantaram-se e foram contar aos príncipes dos Sacerdotes o prodígio que acabava de acontecer... Loucura dêstes tam insensata e inútil como o tinham sido as precauções da véspera.

Ainda há pouco, humilhado, desprezado, cuspidado, com a cabeça coroada de espinhos, condenado à flagelação e bárbaramente pregado na cruz entre dois ladrões; depois agoniza e sepultam-no à pressa... E hoje ei-lo ressuscitado, triunfante e para sempre vencedor da morte... êste corpo, de martirizado e desprezível, tornou-se resplandecente e radiante como o sol e para sempre impassível.

Jesus neste dia foi glorificado diante do seu Pai eterno, diante dos Anjos e das potências do inferno; diante dos seus discípulos e dos seus inimigos... *Haec dies!*

A ressurreição de Jesus é não somente o fundamento da nossa fé e da nossa esperança, mas também o modelo da nossa ressurreição espiritual.

Vejamos o que escolhemos... Certamente é desejo nosso ressuscitar para a vida eterna, ter para com Jesus na glória da sua ressurreição... Sendo assim, é conveniente advertir que devemos empregar os meios convenientes: vivamos desde êste momento para êle e sejamos diligentes e fiéis a todos os seus preceitos... Se entre nós há ainda quem seja pecador, que se converta sinceramente; que se apresse a ressuscitar, a começar nova vida: *nox praecessit, dies autem appropinquavit; abjiciamus ergo opera tenebrarum, et induamur arma lucis.* Só assim frutificaremos em toda a espécie de bons frutos e teremos firme esperança de ressuscitar gloriosamente com Jesus e de com êle reinar eternamente. Amen.

Brasileira de Imprensa o ex-chanceler Sr. Embaixador Macedo Soares contar aos jornalistas suas impressões sobre a formidável organização da Imprensa na América do Norte, donde acabava de regressar. Reportagens, fotografias de acontecimentos, descrições sensacionais — tudo é feito com um dinamismo, uma perspicácia, uma precisão que causam vertigens.

E a opinião pública acompanha as campanhas da grande Imprensa, dos grandes *Trusts* jornalísticos com extraordinário interesse e até com paixão. A grande publicidade custa rios de dinheiro, mas produz resultados equivalentes. Em política, é que... nem sempre acerta. Vejam, por exemplo, disse o ilustre Embaixador,

«Ressurgimento»

Apresenta a seus amigos as suas saudações com o desejo duma Páscoa de felicidades.

O «Povo de Fafe»

Dirigido pelo sr. João Nogueira Leite, acaba de aparecer em Fafe, enfileirando nas nossas fileiras o *Povo de Fafe*, quinzenário nacionalista.

Levantando como pendão *Deus, Pátria e Família*, e o «amor às cousas dêste lindo e próspero concelho», será mais um camarada a lançar a semente do são nacionalismo «num meio evadido de defeitos liberais» como confessa o seu editorial.

Para o *Povo de Fafe* vão as nossas saudações vibrantes com o grito de *alerta estamos*, nesta hora em que o *penetralho* em último arranque e senhor de alguns comandos deturpam a doutrina e nos tentam dividir.

Os nossos melhores desejos são de que o camarada conserve o culto da personalidade, da coerência, desassombro e verdade, atacando o mal esteja onde estiver, que na verdade o problema magno dos nossos dias é o problema moral — a falta de mentalidade corporativa, nacionalista e tradicional, de muitos.

Aniversários

19 — António de Sousa Carvalho.

20 — Eng.º João Maria de Macedo.

25 — Eduardo José Cabral de Noronha e Menezes.

27 — Beatriz dos Anjos Teixeira dos Santos.

28 — D. Ana Júlia C. de Menezes Almeida Campos e António de Carvalho Jacinto.

Nossos parabéns.

S. M. S.

Continua na direcção desta importante instituição vimaranense a mesma que a dirigiu no ano 1939-40.

o que se passou com a candidatura Roosevelt. Cerca de 95 % da Imprensa americana combateu a candidatura, valendo-se de todos os argumentos e fazendo delirar a opinião pública, que cada vez estimulava mais as gazetas. Foi uma campanha em que se gastaram muitos milhões de dólares e se revelaram grandes jornalistas de combate. Mas... a candidatura saiu vitoriosa.

Passados dias, em casa do Prefeito de S. Paulo, sr. Fábio Prado, contamos a história ao dr. Armando de Sales, que era então o candidato à Presidência do Brasil, e êle comentou imediatamente com incisiva exactidão — é que os outros 5 % é que representavam a Imprensa consciente e válida da Nação.

Até nisto a América mantém o campeonato dos grandes *bluffs*, mostrando que 95 vale menos que 5, êrro grave contra a aritmética e contra os axiomas dos tais jornalistas *meteóricos*, que fecundam pelos ouvidos e andam sempre, como as gaivotas, a empoleirar-se nos cimos dos postes para assim descobrirem melhor a pescaria!...

Occidente

Roteiro de Guimarães

Já se encontra à venda o *Roteiro* escrito pelo poeta sr. Jerónimo de Almeida.

Pedido de casamento

No passado dia 20 foi pedida em casamento, para o nosso amigo sr. José Maria dos Santos Fonseca, a il.^{ma} sr.^a D. Camila de Sampaio e Castro, filha da ex.^{ma} sr.^a D. Emília Sampaio e Castro e do sr. Adelino Sampaio e Castro, muito digno proprietário na Longra, Felgueiras.

O pedido foi feito pela mãe do noivo, ex.^{ma} sr.^a D. Amélia Lima S. Fonseca, viúva do saudável comerciante na nossa cidade, sr. José Joaquim da Fonseca.

Aos noivos envia o *Ressurgimento* cordeais felicitações e prévio desejo de inúmeras felicidades.

Vida religiosa

Em S. Miguel de Creixomil, realizou-se no dia de S. José a comunhão Pascal colectiva dos homens. Ao rev. pároco nossos parabéns pela acção que tem desenvolvido na sua freguesia.

Revistiu grandiosidade a Festa das Dores em S. Francisco. O rev.^{mo} cônego Moreira Pinto, de Lamego, fez uma oração sapientíssima. O grupo coral de S. Dâmaso, sob a regência do p.^o Ave-lino Borda fez-se ouvir em números da Paixão.

Sociedade

Encontra-se doente o sr. dr. Leopoldo de Freitas, ilustre presidente da C. C. União Nacional.

— Já se encontra convallescente sua rev. mgr. João António Ribeiro.

Comunhão

Fêz a sua primeira comunhão a filhinha do nosso amigo e ilustre vereador da C. M. sr. dr. José Maria de Castro Ferreira. Parabéns.

Orfeão

Continuam às quartas-feiras os ensaios para a ida dêste conjunto artístico ao Porto.

Em férias

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa encontra-se entre nós o nosso amigo engenheiro Duarte do Amaral.

— Também aqui se encontram os srs. drs. António Carneiro e Porfírio Carneiro, António Amaral, Gaspar Amaral, arquitecto José António Sequeiro Braga, Alberto Guimarães e dr. Nuno de Freitas.

S. Paio de Vizela

Pela pasta do Interior e por decreto-lei, foi restabelecida a freguesia de S. Paio de Vizela, a qual foi desanexada da de S. Salvador de Tagilde.

Corporativismo

Em serviço no Sindicato Textil, como seu Consultor Jurídico, encontra-se entre nós o dr. Jaime Ferreira, nosso amigo e camarada.

Reuniu a Assembleia Geral da Secção do S. N. dos Empregados do Comércio para aprovação das contas da gerência anterior e eleição dos novos corpos gerentes.

Quem é que desnorteia a opinião pública?

Aparecem de vez em quando nas mais altas tribunas da Imprensa uns jornalistas *meteóricos* a increpar a opinião pública, porque ela anda desorientada e caprichosa, não podendo assim impôr-se ou, pelo menos, ser ouvida.

Quem é, porém, que desnorteia essa opinião, quem é que lhe ministra dia a dia o veneno dessa funesta desordem mental?

Não há como factos passados para bem lhes apreender a lição precisa.

Há 3 anos, ouvimos na Associação

Carta de Lisboa

E' digna de todo o louvor a recente iniciativa do Governo, por intermédio do Ministério do Interior, com vista à eficiente solução do problema da mendicidade.

Desta vez, julgamos que o momentoso assunto ficará definitivamente arrumado, com a criação de albergues para internamento de mendigos, os quais serão dirigidos e administrados pelos Comandos da Polícia. Esses albergues vão ser criados brevemente em todos os distritos do país, conforme as bases do decreto há poucos dias publicado na folha oficial.

Claro que tais estabelecimentos não servirão de perpétuo asilo àquela falsa mendicidade que prefere estender a mão à esmola pública, com sacrifício da própria regeneração e do trabalho honesto, embora humilde. Para esses verdadeiros parasitas sociais, há outros processos e caminhos, que os homens da governação não devem deixar de seguir, sempre que as circunstâncias o aconselhem.

A bondade cristã é uma cousa — e a fraqueza demasiadamente benévola outra.

O «Diário do Governo» publicou em 27 de Fevereiro o novo plano de melhoramentos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, cujo montante se eleva à importantíssima soma de 91.240.000\$00.

Estes melhoramentos, a efectuar no corrente Ano Aureo, traduzem-se sobretudo em construções e obras novas, num total de 400.000\$00; hospitais para tuberculosos, 1.400.000\$; postos fixos de fiscalização de trânsito nas estradas, 270.000\$00; observatórios, laboratórios, reformatórios, etc., 2.370.000\$00; reparações urgentes, 10.000.000\$00; edifícios do porto de Lisboa, 4.350.000\$00; construções prisionais, incluindo o fornecimento do respectivo mobiliário, 3.500.000\$; conservações e continuação das obras de vários monumentos nacionais, 4.600.000\$00; construção de casas económicas, 18.000.000\$00; — além de muitos outros trabalhos de utilidade pública, que atestam a boa vontade e a honestidade política do Estado Novo, sempre fiel ao cumprimento do programa de realizações traçado, desde o início, pela Revolução Nacional.

A histórica e formosíssima cidade de Guimarães, berço da nacionalidade, vai inaugurar, como é sabido, em princípios de Junho, o grande ciclo das comemorações centenárias. As suas festas, pictórica, emotiva e intrinsecamente de caracter e aspectos inéditos, vão decerto constituir um dos mais seguros êxitos do calendário oficial das celebrações. A respectiva Comissão Executiva está agora distribuindo com profusão dezenas de milhares de convites, a todos os portugueses que quiserem colaborar na jornada de Guimarães, a fim de que estes levem flores, ou as enviem ao grande Cortejo Nacional que ali se realiza no dia 4 de Junho, e desfraldem a lusitaníssima bandeira da cruz azul nas sus janelas, exactamente à hora em que fôr transmitido o sinal daquela cidade.

Habitantes de Guimarães: quem dera ao modesto autor destas linhas poder participar do vosso grande júbilo e orgulho!

Modelar, como sempre, saiu a
(Continua na 4.ª coluna)

RESSURREIÇÃO

(Continuação da primeira página)

contacto mais íntimo com o Criador. Nos dias precedentes, a semana santa, entregou-se o cristão à contemplação dos sofrimentos e morte de Jesus e à meditação dos seus divinos ensinamentos. Lavou a alma no tribunal da penitência e alimentou-se com o pão eucarístico — o pão dos fortes. Sente-se agora outro homem e reconhece sem dificuldade que o seu destino não são as mesquinhas ambições dêste pobre mundo iludido, nem os prazeres efémeros que êle pode oferecer. O destino do homem está mais alto. E' infinito. E' Deus. E quando trabalha para alcançar êste destino, o homem está no seu verdadeiro caminho, encontrou o rumo desejado e sente-se feliz.

Feliz seria também toda a humanidade, bem mais feliz do que é actualmente, se nunca se esquecesse do seu destino último, se tivesse sempre presente no espírito que esta vida transitória não passa de breve mas séria provação para a vida da eternidade.

A vida não acaba na morte, não; Cristo vencendo a morte, deu-nos o penhor seguro de que também depois da morte havemos de ressuscitar e viver eternamente. A vida dos Justos no seio de Deus? A dos réprobos longe da sua face? E' para decidir êste ponto que nos foi dada a vida terrena. Precisamos de a aproveitar bem para conquistarmos a ventura dos filhos de Deus.

Andam, porém, os indivíduos e as nações tam esquecidas do destino para que Deus os criou, tam longe estão daquilo que outrora foram, quando a Europa constituía verdadeira *Unidade cristã*, que também para uns e outras se torna necessária uma *nova ressurreição*.

Se os povos auscultarem com atenção o seu passado, hão-de verificar que, quando mais felizes foram e mais bem serviram sobre a terra os interesses da humanidade, mais contribuíram também para que os indivíduos se aproximassem de Deus e realizassem assim os seus eternos destinos. Parece pois evidente que quanto mais se alarga sobre a terra o *Reino de Deus*, maior soma de felicidade e bem estar se conquista para a humanidade.

Longe de atrasarem a marcha da civilização, aqueles povos que não esquecem o seu destino último são os melhores obreiros dela e os menos propensos a abusar da sua fôrça e riqueza.

Ressurjam pois as vèlhas virtudes cristãs; reconheça-se publicamente o último destino do homem e seja esta Páscoa para Portugal e para o mundo o início duma genuína Ressurreição.

Notas e Imagens da Guerra

De 16 para 17 de Fevereiro, noticiou-o depois o Almirantado Britânico, foi atacado no fjord norueguês do Josing o navio alemão *Allmark* pelo

comandante norueguês que o *Allmark* estava desarmado, que desconhecia a presença de prisioneiros e fôra autorizado a navegar em águas territoriais



O vapor alemão «Allmark» no fjord norueguês, depois de ser abordado pelo «Cossack»

navio de guerra inglês *Cossack* acompanhado por outros barcos de guerra. Guardavam a entrada do fjord duas pequenas canhoneiras norueguesas. Tentando os barcos de guerra ingleses forçar a entrada foi-lhes dito pelo

da Noruega, para facilitar o seu regresso à Alemanha, pelo que — são ainda notas do Almirantado — os barcos ingleses se fizeram ao largo. Mas ao anoitecer, diz o comunicado norueguês, o navio de guerra inglês *Cossack*

Carta de Lisboa

(Continuação da 1.ª coluna)

lume o número relativo ao mês de Março, da conceituada revista nacionalista e cultural, que se intitula *Ocidente*.

Não encontramos palavras de elogio para encarecer o notável esforço dos seus ilustres animadores e directores. Em primeiro lugar, porque deles se tem feito um quasi desprezível lugar-comum. Em segundo lugar, porque *Ocidente* destaca-se de tal modo da banal rotina das outras publicações no género, que é preciso realmente ser-se de aço, em vontade, coragem e competencia, para poder chegar a tão brilhante e definitivo resultado.

Ocidente deveria figurar, com inteiro cabimento, em todos as boas estantes portuguesas.

Lisboa, Março de 1940

Z. DE M. F.

Movimento hospitalar no mês de Fevereiro de 1940

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 225; receitas abonadas a doentes externos, 140; parturientes recolhidas, 13 crianças nascidas 13, sendo 6 do sexo masculino e 7 do sexo feminino; doentes existentes no último dia do mês de Janeiro, 100; doentes entrados durante o mês de Fevereiro, 138; doentes saídos, 0; curados, 85; melhorados, 33; no mesmo estado, 10; falecidos, 10.

Ficaram existindo no último dia do mês de Fevereiro, 100; banhos dados no balneário, 155; operações de grande e pequena cirurgia, 30; curativos feitos no banco, 858; Oftalmologia — operações, 1; curativos, 457; injeções aplicadas, 1.269; sessões de raios ultra-violetas, 235; sessões de diatermia, 104; sopa a pobres — S. Paio 48; Donim, 217.

Hospital António Francisco Guimarães

Consulta no Banco, 7; doentes existente no último dia do mês de Janeiro, 22; doentes entrados durante o mês de Fevereiro, 7; doentes saídos, curados, 4 melhorados, 1; no mesmo estado, 3; falecidos, 2.

Ficaram existindo no último dia do mês de Outubro, 19; operações de pequena cirurgia, 3; curativos feitos no Banco, 220 e injeções aplicadas, 199.

entra de novo no fjord, faz uma abordagem ao *Allmark*, assaltam-no e recolhem os prisioneiros ingleses. Na tripulação do *Allmark* há mortos e feridos, morrendo um inglês.

Isto originou uma série de protestos, tendo Koht, Ministro dos Estrangeiros da Noruega afirmado num discurso que «não há regulamento algum na convenção internacional que proíba o transporte de prisioneiros por território neutro e que o próprio trânsito é legal». «Os navios de guerra britânicos, cometeram uma grosseira violação da neutralidade da Noruega. Um barco de guerra não pode ser visitado, mas visitado; tinha os documentos em ordem, não estava armado. Só dispunha de canhões anti-aéreos. Em face da superioridade esmagadora, os nossos barcos nada puderam fazer em defesa da neutralidade Norueguesa».

Alvo Errado

Despede-se um dos nossos assinantes — cujas atitudes nacionalistas aliás não podemos deixar de reconhecer e aplaudir — declarando que «não obstante se dizer nacionalista 100%, o (nosso) jornal... continua a tentar fazer a política de separação dos nacionalistas do concelho...»

Labora num grande equívoco o nosso ex-assinante. Quanto ao nosso nacionalismo, cremos que não há necessidade nenhuma de o reivindicar. Está bem à vista de todos, pois se tem evidenciado em actos e factos que são do domínio público e que se não prestam a duvidosas interpretações, por muito boa vontade que em certos sectores haja de os torcer. Nacionalistas 100%, sim senhor; o nosso passado e o nosso presente falam por nós.

Que tentamos fazer a política de separação dos nacionalistas do concelho é redondamente falso, e só o pode afirmar ou quem tenha uma visão muito errada das realidades, ou quem tome por princípios nacionalistas aquilo que de facto é a sua completa negação.

E' certo que há no campo nacionalista dentro do nosso concelho um certo número, possivelmente elevado, de pessoas que estão muito descontentes com a nossa acção. Entre elas há porém muitas cujas convicções nacionalistas não nos merecem a nós nem aos seus próprios amigos a mínima confiança; se estão no nosso campo é porque lhes convém e não porque sintam a mais leve simpatia pela doutrina que neste campo se defende.

Por outro lado está contra nós tudo quanto é adverso ao Estado Novo e à sua doutrina e todos os que com esses adversários do nacionalismo português têm quaisquer afinidades. Para nós este simples facto é indício seguro de que estamos no bom caminho: Se o *revirálho* é contra nós, temos a garantia de que nos não enganamos.

Se também desagradamos a alguns que estão, de boa fé, entre as hostes nacionalistas, não nos pode ser atribuída a culpa. Admitimos que para bem da união não se abram contendas em questões secundárias, em assuntos de pormenor e de opiniões individuais, e não podemos ser acusados de não termos procedido de harmonia com este modo de ver. Temos feito a propaganda do Estado Novo pela maneira como Salazar entende que se deve fazer, *informando* com escrupulosa verdade, para chegar à *formação política*. Não temos sido *máquina de elogios sistemáticos e banais*, mas também nunca *negámos a justiça devida aos homens devotados à causa pública*. E se alguma vez temos sido obrigados a mostrar o nosso desacôrdo com actos dalguns que se encontram no nosso campo é precisamente porque eles se esqueceram desses princípios basilares da revolução nacional: *verdade e justiça*.

Temos lutado e continuaremos a lutar, enquanto podermos, não só por que os princípios do Estado Novo português se tornem conhecidos e amados, mas também por que eles venham a transformar-se em norma de procedimento.

Só quando eles passarem a orientar a vida cotidiana dos portugueses, só quando todos os seus actos se conformarem com eles poderemos estar tranqüilos quanto à vitória da

ESCOLA LIBERAL

O mais ligeiro exame introspectivo basta para bem se conhecer que não é preciso ouvir pregar a liberdade, para que ela no nosso íntimo desabroche e se fortifique. Todavia, nenhum empenho tem sido mais cuidado e defendido. Cada um de nós pode sentir estuar em si os impetuosos arrancos desse instinto tam profundo e indestrutível. Sem embargo, na falsa suposição de que não é assim, a história e a vida de nossos dias nos indica como chega a ser frenética a sua propaganda. Como se não bastasse ao homem, para seu fácil desgoverno, e às sociedades para seu descaminho, a impetuosidade avassaladora dessa tendência natural dificilmente sofreada, criou-se uma ciência da liberdade e os doutrinários liberais, do século XIX, com inteligência, alimentaram até o delírio a fogueira dessa marcha emancipadora. Outra cousa não era este seu serviço senão o próprio coonestar das borbulhas ou dos jactos violentos da natureza inferior desses propagandistas. Prepararam a liberdade para servir a besta. Um dos factos primeiros e centrais da conquista libertária foi a Reforma. Penetre-se-lhe no âmago dos protestos: Lutero quer casar, não quer, por orgulho, subordinar-se ao Papa.

Henrique VIII une-se sucessivamente com seis mulheres e mancha as mãos sádicas no sangue de algumas delas de que só podia livrar-se pelo assassinio. Assim se propaga o protestantismo na Inglaterra e na Alemanha penetra pela ambição da nobreza que deseja saciar-se com os bens dos católicos. Estes assemelham-se, em essência, às atitudes dos pregadores da liberdade em todos os tempos. No fundo, bocas insaciáveis, mãos ávidas de fartura, corpos sedentes de prazeres, espíritos convulsionados de loucas ambições. A ânsia de liberdade não vive com a simplicidade, mas com o orgulho e o egoísmo. Neste ambiente gangrenado de desvairados anseios, por entre o levedar desta massa social tam ciosa de liberdade e que tanto abusa dessa pouca que diz gozar, outra escola não podia surgir senão a da indisciplina, a que aumentasse o fermento da insubordinação, e, conseqüentemente, aquela que melhor julgaram que servisse a independência do indivíduo.

Assim apareceu a *escola enciclopédica*, a escola ilusória e farfalhada dos fartos programas. A primária conheceu os *juros compostos* na aritmética, a flor de enxôfre na química, o geniceu na botânica, o aparelho visual na zoologia, o quadrado da hipotenusa na geometria e todos os sólidos geométricos, o universo na geografia.

Todo um *mare magnum* de conhecimentos que era o martírio de mestres e de alunos. Eram lógicos. A ciência era a sua arma. Na luta que *homem lobo do homem* se via obrigado a travar, para vencer, precisava de boa defesa e melhor ataque. O enciclopedismo seria o colmilho e a garra com que a fera humana desenfreada, inteiramente livre, usaria, com proveito, contra o seu semelhante desprevenido ou menos forte. Se os liberais o não pensaram, a verdade é que já tem a sua prova. Ninguém duvida de muita da nossa gente de hoje é hábil no manejo desse instrumento da ciência. No campo da Pátria e do Mundo há muito saber que se transformou em perfídia, em obra de destruição e malvez. Os crimes individuais que os jornais abundantemente relatam, desde o assassinato mais horrendo ao assalto mais audacioso, as revoltas internas e entre as Nações são geralmente fruto da semente da instrução, sem o húmus fertilizante da moral. Desta é que ninguém se queixa. Já Aristóteles dissera que «o homem cuja cultura é exclusivamente intelectual degenera num ser tanto mais selvagem e desordenado quanto mais culto».

SILVESTRE DE FIGUEIREDO.

revolução nacional. Mas até lá muito há ainda a trabalhar. E todos os desvios deste caminho, por muito justificados que sejam, só logram retardar a marcha e afastar cada vez mais o dia do triunfo almejado.

Sé outros ofendem os princípios que são declaradamente os da nova ordem portuguesa e nós acorremos a repôr a verdade no seu lugar, a dar razão a quem a tem, e a fazer justiça a quem a merece, acaso somos nós os fautores da desunião? Acusar-nos disso é pretender que à tal união sacrifiquemos aqueles mesmos princípios que jurámos defender e que são a razão única da existência deste posto de combate. E' loucura poder-se pensar em tam vergonhosa abdicação.

VERAX.

A' MARGEM

(Continuação da 1.ª página)

damentais, mas somos mais contra os próprios erros. E tem razão o ilustre Presidente da Comissão Executiva da U. N. E' *vêlha pecha da critiqueirice* nacional discutir os efeitos sem estudar as causas que lhe deram origem. Essa a razão porque nos mantemos anti-liberais e democráticos — conseqüência do protestantismo — e anti-maçónicos e anti-comunistas, porque ainda hoje são os maiores inimigos do caminho tradicional da nossa Pátria.



FALTA A HONESTIDADE, a coerência, o carácter a muitos, e é a causa do nosso mal — e resume-se a um problema moral.

Exemplos: todos os funcionários do Estado são obrigados à declaração anti-comunista e maçónica e acharem-se integrados no Estado Corporativo. Sobre o assunto apresentou o sr. António Colares Vieira, antigo oficial do exército e vereador da C. M. do Porto, na sessão do dia 14, uma proposta de que damos o resumo. — Eu sei a facilidade com que aquelas declarações se fazem... — Peço, por isso, ao sr. Presidente se tem procurado avaliar a sinceridade e exatidão das declarações feitas — porque não é segredo para ninguém que uma percentagem importante do funcionalismo é abertamente hostil ao Estado Novo e muito especialmente à doutrina corporativa.



DESASSOMBRO E INTRANSIGENCIA. E' preciso que os que desempenham funções não criem, como freqüentemente se verifica, dificuldades ao Estado. E' justo que, enquanto o comprometem e detestam, estes substituam os desempregados nacionalistas? Evidentemente que não! A preferência deve ser para os nossos! Nada me revolta mais do que ver desamparados aqueles que estiveram nas trincheiras nas primeiras horas difíceis e ver os lugares ocupados por quem se infiltrou nas nossas fileiras e que aqueles, com justiça, deveriam pertencer. E tais cavalheiros.. vão procurando e conseguem-no muitas vezes, empurrar pela borda fora (sic) os poucos dos nossos... (de *A Voz*, de 17-3-1940). Foi essa a tática da maçonaria ao ordenar a infiltração nos lugares de comando. São estas as conseqüências.

Sociedade Columbófila

A Sociedade Columbófila de Guimarães, para dar início à Campanha desportiva do corrente ano, realizou no passado Domingo o seu primeiro concurso, tendo-se a largada realizado em Valença

Concorreram 530 pombos e as classificações foram as seguintes:

António Alves Pinto, 1.º, 2.º, 43.º, 50.º e 51.º; Manuel Moura, 3.º; João Fernando Oliveira Salgado, 4.º, 6.º e 26.º; José Ferreira Martins, 5.º; Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, 7.º, 8.º, 10.º, 11.º, 15.º, 33.º e 42.º; Eduardo Santos, 9.º, 25.º e 39.º; José de Sousa Neves, 12.º; Luiz Carlos Coe-

lho, 13.º, 16.º, 36.º, 37.º e 47.º; José Figueira de Sousa, 14.º, 27.º e 30.º; Ilídio Ribeiro Dias Teibão, 17.º; José Marques Ribeiro, 18; José Maria Teixeira, 19.º e 35.º; Manuel Alves Machado, 20.º, 21.º, 31.º e 32.º; José Carneiro Salgado, 22.º e 45.º; João da Silva Guimarães, 23.º e 38.º; João da Silva Júnior, 24.º; Martinho Almada Azenha, 28.º, e 48.º; Raimundo Fernandes dos Santos, 29.º; João Ribeiro, 34.º, e 52.º; Francisco Gomes Alves Ferreira, 40.º; António Cardoso Dias de Castro, 41.º; José Luiz Lopes, 44.º; Avelino da Silva, 46.º; Manuel Martins Ribeiro da Silva, 49.º; Heitor Fernandes Osório, 53.º.

Visado pela Comissão de Censura